



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

28 DE MARÇO DE 1964
ANO XXI — N.º 523 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR, PADRE CARLOS
FUNDADOR, Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



O CASAMENTO DO AMÉRICO E DA OLÍMPIA

• NA CAPELA •

Os noivos e a malta

«Grande mistério é este — digo-vo-lo em Cristo e na Igreja». É S. Paulo quem o diz; e, em verdade, só na Igreja nós podemos tentar compreender este grande mistério que é a transformação em amor de Cristo do amor humano que estes dois se vão dar definitivamente, irrevogavelmente, perante as testemunhas que somos todos nós.

Só na Igreja, onde um dia eles nasceram cristãos. Só nEla, onde cresceram em sabedoria e em graça ao longo da idade, como o Evangelista diz resumidamente do Mestre, relatando os anos da Sua infância em Nazaré. Só nEla, onde eles recobram a graça de cada vez que a sua fragilidade de filhos de Adão os apeou da dignidade recebida de filhos de Deus. Só nEla, onde eles tomaram consciência da sua capacidade de realizar actos divinos, posto permaneça toda a sua pobre realidade humana. Só nEla, que lhes ensinou a antes louvar Deus pelos dons da Sua misericórdia do que a lastimar as misérias da nossa condição. Só nEla, que lhes revelou que é na pobreza e no vazio de nós mesmos que Deus nos fala e nos enche. Só nEla, que os encorajou a abandonar o que menos vale, embora nos iluda, para possuir a alegria plena do amor. Só na Igreja de Cristo, onde Ele vive e onde

Se nos dá — só nEla estes dois, e todos nós, poderemos fazer alguma luz sobre o grande mistério que se vai realizar: um amor que ainda é somente amor humano, uma troca de afecto entre os dois, um assunto privado que aos dois apenas diz respeito — um amor que dentro de momentos será amor divino, uma troca de afecto que Cristo selou até à morte, um assunto público que diz respeito a todos nós.

Cont. na SEGUNDA página

É um acto de fé. De fé no Senhor, que sempre tem sido presente. Mas tão escondido que nem demos por Ele nos momentos em que foi presente com toda a largueza da Sua bondade e profundidade do seu amor carinhoso por nós. Tão discreto Ele é! Olho para o que está realizado e vejo-O por detrás dos edifícios, dos doentes que repousam, que se regalam nos leitos e em suas ocupações. Em tudo Ele e tudo por Ele! Nada de nosso nem por nós! Tão escondido, é certo, que nem demos por Ele!

E acreditamos que se mantém presente, escondido, também agora, que não conhecemos a abundância, mas experimentamos a necessidade, o débito a quem nos vai dando o pão, o vestir e nos fornece os materiais com que teimamos prosseguir na construção das moradias para doentes, que sabemos por aí fora. Não construímos por construir, mas somente por via dos enfermos que a sociedade não encaixa em seus quadros esquemáticos e brunidos.

Tão escondido Ele está que nos vem a tentação do desânimo. Vai em mais de uma centena de milhares de escudos o nosso débito! Do Estado não esperamos nada. Assim foi no passado ano e assim parece acontecer no corrente. De outras entidades, como sejam Fundações, Institutos, nada contamos também. Dos amigos de todas as horas, sim. Sabemos que há-de vir o preciso, quando o Senhor lhes fizer sentir que há quem esteja à espera do que lhes sobeja, do que não lhes faz falta. E ele há tantos sem o pão, sem o vestir e até sem a cama para morrer! Deus age por causas segundas. Na solução do problema do sustento, e dos mais cuidados humanos conta com o próprio homem e mormente com o que tem saber e haveres para ir ao encontro do que está privado e destituído. O egoísmo é pecado social.

É um acto de fé! De fé na presença do Senhor, tão perto, mas tão calado! A tentação de ir mendigar sobrevem. Mas Ele é quem governa. Isto é dEle. A barca não pode sossobrar que Ele nela vai. Creio.

PADRE BAPTISTA

+++++

Este ano eu ando invulgarmente festeiro. É que já me desabituei de pensar em festas. Tem sido o Júlio e o Américo. E como este casou e vai para Benguela, eu não sei o que Deus dará nos anos futuros. Por mim, não me sinto com coragem para defrontar a falta de jeito. Toda a minha esperança está em que Deus desperte entre os rapazes nova vocação de director artístico.

De forma que olho as festas que ora vão realizar-se como um canto de cisne. E desejo-as em todo o lado onde fôr razoável.

Já agora, para dizer a verdade toda...: nós andamos depenados. O lançamento das Casas de Africa levou-nos umas reservitas e o que vinha de lá deixa de vir. Pelo contrário, precisamos mas é de estar

Festas

aptos a dar apoio às necessidades das duas Casas nestes seus primeiros passos. Depois, há uma furgoneta a cair, que reclama urgente troca, uma guilhotina nova para liquidar, Júlio a seringar-me por uma máquina de dobrar, Sr. Padre José Maria por uma de ensilar e por mais acessórios pró tractor, fora o que já por aí vai em esteios, ferro e arame para quase um quilómetro de ramadas novas. A complicar, até este ano os púlpitos

estão um nadinha mais altos e ainda não conseguimos lá subir aos costumados peditórios.

Já estão a ver os Senhores como eu tenho mais razões para andar festeiro, pois sempre daqui vem remendo para uns buraquitos!

Temos, pois, para já, as festas que em separado se anunciam.

E faltam notícias do nosso P.e Acllio que anda arredio da sua Festa.

+++++

O CASAMENTO

do Américo e da Olímpia

Continuação da PRIMEIRA pág.

Fora da Fé, nada do que disse e desejo dizer tem sentido. Sem Fé, o «magnum sacramentum» permanecerá irremediavelmente mistério. Mas não foi a Fé que nós viemos pedir à Igreja no dia em que nascemos cristãos? Não foi pela Fé que têm na Igreja, pelo que dEla esperam, que estes dois voltaram a bater à Sua porta, a confiar-Lhe o seu amor, no dia em que decidiram firmá-lo para sempre?

Como, pois, poderia ser senão firmado em Cristo e na Igreja que o Apóstolo viria declarar-nos que «este é um grande mistério»?! E onde senão nEla que nós poderemos começar a entendê-lo?

Temos, pois, um par que se amou, e veio confiar à Igreja o seu amor. A Igreja acolheu aquele gesto confiante e, como Mãe, analisou o conteúdo deste amor.

O coração e a inteligência tinham nele o seu papel efectivo. Não se tratava de um afecto sustentado com o alimento enganador das impressões sensíveis, posto fôsse uma impressão sensível a sua primeira revelação. O tempo de prova, ao longo do namoro e do noivado, manifestara que ambos tinham entendido que o amor era o tomarem-se reciprocamente como encargo, dando cada um ao outro aquilo que o outro legitimamente lhe pedisse, ou de que precisasse, na marcha que os dois devem cumprir a caminho de Deus.

A Igreja verificou o conteúdo deste amor e — louvado Deus! — achou-o cheio, promissor; e tomou-o a Seu cuidado e associou a Si na responsabilidade tomada a comunidade cristã mais próxima dos dois.

Foi a Sua solicitude maternal que A fez acompanhá-los desde o namoro. Que lhes procurou alimentar o ideal com que ambos se foram formando mutuamente. Que recebeu as suas promessas no noivado.

Que os levou a um grau maior de reconhecimento da grandeza do mistério que se dispunham a realizar, no retiro de preparação próxima que fizeram. A Igreja, que os tomou a Seu cuidado e cuidou; e nos associou a Si nesta missão.

Pois quê, senão a participação nela, a oração que a comunidade fez durante estes dias de retiro dos dois?, os trabalhos que vários gostosamente fizeram para que a festa deste dia fôsse densa de espírito comunitário?, a preparação de tantos para uma vivência plena na cerimónia que estamos a celebrar?

A Igreja e nós, Seus filhos, e comunidade cristã mais próxima deste par, unidos no mesmo espírito de caridade fraterna e de responsabilidade social, como comprometidos, que realmente ficamos, no exito deste novo lar a cujo nascimento assistimos!

É agora que perante nós, espectadores activos e interessados, se vai realizar o grande mistério: o Sacramento. É a Igreja a depositária deste, como de todos os sacramentos. É ela que deputa para cada sacramento os seus ministros e lhes dá poder. Eles nunca agem em nome próprio, mas no dEla. É de Cristo, na Igreja, que os sinais sensíveis recebem a eficácia do que significam. Pois pode aceitar-se fora da Fé que a água derramada sobre o corpo lave a alma?, que a absolvição lhe apague as manchas do pecado?, que aquele pão e aquele vinho, que continuam a parecer tais, já não sejam alimento do corpo, mas da alma?, que aquela imposição das mãos faça descer o Espírito Santo?, ou que aquela unção produza na alma o bem estar que o óleo opera sobre o corpo fatigado?

Pois no matrimónio é a Igreja que confere aos esposos o poder de se ministrarem o Sacramento que recebem. É de Cristo, na Igreja, que aquela mútua doação e aceitação dos Esposos recebe o poder transformante. É Ele próprio

que age a transformação. Enxerta-Se na circulação de amor que conduziu ao contrato natural e diviniza-o. O amor que cada um dá ao outro não é somente o seu amor humano, mas dom de Cristo. Amando-se, os Esposos dão-se Cristo um ao outro, amam-se como Cristo os ama.

O seu amor tornou-se amor de Cristo. Tal como o pão e o vinho, parecendo pão e vinho, mesmo depois do Sacramento, são o corpo e o sangue do Senhor.

E como o amor de Cristo é definitivo, é total — definitivo e total é o amor que os Esposos se deram e receberam no Sacramento.

Quem pode operar este mistério senão só Cristo, que vive e age na Sua Igreja? Quem pode penetrar, pouco que seja, no seu entendimento, senão aceitar primeiro Cristo, numa



Os noivos num enquadramento original: a ministra que dá da cosinha pró refeitório

aceitação sem limites, que é a medida da Fé?

Eis o «magnum sacramentum» que vamos testemunhar. Pelo qual vamos ficar, todos,

mais comprometidos, quando ele e ela se disserem sim, um sim que é dito também à Igreja, que os ensinou a amar, que divinizou o seu amor e lhes é a única garantia da perseverança e do progresso no amor. Pobre do amor humano que permaneça só humano, sem ter por si a fiança da Igreja!

Nela e em Cristo, pelo Cristo que vive e age nEla, o «grande mistério» é posto em nossas mãos: os Esposos são eles mesmos que o ministram. E todos nos tornamos mais responsáveis e mais ricos, porque na Igreja há mais um amor, uma presença mais do amor de Cristo, com a qual todos nós havemos de contar.

Um pensamento ainda; um voto para vós.

Sei que tendes consciência da grandeza do sacramento que ides já realizar e do estado em que ele vos introduz. Mas esta consciência é um potencial, que os anos e a condução da vida segundo os planos de Deus, hão-de desdobrar em novos actos que sejam uma actualização mais amadurecida dos conceitos que adquiristes e das decisões que tomastes.

O «grande mistério» de que vos falei, não foi senão enunciado e a sua revelação progressiva será a graça com que Deus premiará o dinamismo da vossa fidelidade.

O Sacramento que ides já realizar introduz-vos num estado em que Cristo Se introduziu também e no qual tem um papel a desempenhar. A meta que hoje atingis não é senão o fim de uma primeira «etapa». A ascensão continua, deve continuar — e, estimular-vos a ela, guiar-vos nela, ajudar-vos ao longo dela é justamente o papel que compete a Jesus desempenhar. Ao cristão que tendes sido até agora, ides juntar um qualificativo: sereis

REPORTAGEM

Foi no passado dia 5 de Março que o Américo e a Olímpia se consorciaram — cerimónia que se realizou na nossa capela. Logo pela manhã, todos, ou quase todos, acordaram bem dispostos para assistirem ao acto que dá a poucas horas se iria realizar.

Por volta das onze, em redor do cruzeiro, já se avistavam os Condes da Casa 1, bem assim como o resto da rapaziada.

Ti João Manko, figura típica da nossa Aldeia, nesse dia nem se conhecia! Gabardine de nylon, luvas de grande categoria e chapéu novo!

— Ena se João, hoje é que você manda chover!...

— Pois então! É dia de festa.

Tão distraído estava que nem dei pela chegada dos noivos. Pouco passava das onze horas, quando a sineta deu o toque que anunciava a nossa entrada na capela. Cada qual no seu lugar, aguardámos a entrada dos noivos que se verificou poucos minutos depois. Após a sua entrada, todos, em silêncio, escutámos o cântico: Veni Creator. Os cantores, que foram preparados pelo Senhor Padre Arlindo, Pároco de Paço de Sousa, e com o Sejaquim ao armonio, saíram-se com grande categoria!...

Começa a Santa Missa. Depois da homilia, Senhor Padre Carlo, faz as perguntas rituais aos noivos e eles unem-se para sempre. «O que Deus uniu, jamais o homem poderá separar».

Terminada a Santa Missa, todos nós que poucas horas antes aguardávamos impacientes a entrada dos noivos na capela, estávamos agora ansiosos pela sua saída. A nossa ansiedade durou pouco tempo. Lado a lado, Américo e Olímpia aparecem à porta

da capela. Bate-se a primeira chapa. Outra... Mais outra... outra ainda!... Por fim as felicitações. Abraços, daqui e d'acólá em mistura com as flores e confeituras que alguém se lembrou de deitar. Um pouco mais, e a sineta volta a tocar. Mas, desta vez, para o comer. Que no dizer da malta é o melhor da festa!... Silêncio absoluto. Entram os noivos, e o silêncio dissipou-se. Uma grande salva de palma, acolhe o feliz casal à entrada no refeitório. Dá-se início à refeição que corre num ambiente de verdadeira alegria.

«É pá não comi galinha! Chega para cá essa travessa. Dá-me mais uma pinga de vinho! Chuta para cá essa salada de frutas que está uma maravilha!...»

A nossa orquestra «dos assim é que se canta», faz-se ouvir nas conhecidas composições: «Garotas», «Povo que lavas no rio» e outras mais. Terminada a refeição, o noivo distribuiu o costumeado cigarrito aos chamados grandes! Podemos dizer que correu tudo como nós queríamos e desejávamos!

Não quero terminar sem deixar de agradecer à Senhora D. Virgínia, e todos os seus colaboradores, o seu esforço e sacrifício, para que o almoço fosse na verdade o que se chama almoço! Muito obrigado Senhora D. Virgínia! Muito obrigado também aos cozinheiros! Quero também agradecer a toda a rapaziada o seu bom comportamento e camaradagem. Pois só desta maneira foi possível que a festa fosse realmente festa!

Ao Américo e Olímpia, desejamos as maiores felicidades e prosperidades em todos os sentidos.

Fausto Teixeira

COLISEU

16 de Abril

Às 21,30

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



casados. A obrigação de cresceres no amor de Deus não cessa, antes se responsabiliza mais pela mútua ajuda que vos deveis prestar. Se amar o Esposo é dar-lhe Cristo, a medida do vosso amor deve colher-se da vossa aproximação de Deus.

Estado não significa, pois, paragem. Significa equilíbrio, solidez verificada na construção já erguida, para que sobre ela se possa continuar a erguer.

O vírus, senão mortal, ao menos paralizante, de muitos lares é aquele conceito de imobilidade que se exprime vulgarmente pelo verbo arrumar: «Vou-me arrumar». Quando o verbo não é ainda mais categórico: «vou-me enforçar!...» E é verdade que muitos lares vegetam por asfixia.

Vós tendes por vós a Igreja. A Mãe que vos acompanhou e acarinhou durante a trajetória até aqui, não desfalecerá na Sua solicitude para convosco. Cristo inseriu-se na vossa vida de um modo novo, que é a graça própria do Sacramento, a qual vos dará a luz e a força necessárias para ultrapassardes todos os escolhos que não de surgir.

Se começastes a entender o «grande mistério» por via da vossa Fé, desejai e procurai crescer na Fé à proporção do mistério, para chegardes, não digo a esgotá-lo, mas a penetrá-lo profundamente e a colher aquela intensa alegria que é o prémio dos que sobem sempre mais alto à conquista de panoramas cada vez mais vastos e mais belos.

A vossa Fé de agora, a vossa preparação, os conceitos incipientes, embora, de realidades sublimes que tantos e tantos ignoram, as decisões generosas que ora estais prontos a tomar — que não parem, que não retrocedam, que cresçam com o progresso do vosso amor, por meio do vosso amor. Aliás, se assim não fôr, o vosso amor estará a ser exclusivamente humano. Tereis prendido Cristo em qualquer recanto da vossa alma e quando julgais amar-vos, não dando Cristo ao outro como é próprio da fecundidade sacramental, estareis cavando na terra movediça da ilusão.

Se cada troca de amor é um intercâmbio de Cristo, enriquecer-vos-eis dEle na medida em que vos derdes e vos receberdes. Todas as oportunidades de assim fazer, são apelos de Deus ao progresso da vossa perfeição.

Progredir na perfeição, com um sentido de responsabilidade acrescido justamente porque já não sou apenas cristão, mas casado — deve ser o voto que haveis de realizar hoje junto do Altar de Deus onde vos consagrais mutuamente e a Ele para sempre.

Progredir na perfeição porque tal corresponde ao Seu plano a vosso respeito. E progredir ainda, porque quanto mais ricos do amor de Cristo, mais disponíveis, mais prestáveis vos tornais para a comunidade cristã que aceita comprometer-se na empresa da vossa comunidade conjugal e que espera de vós, conta com

Aos assinantes de Angola

Voltamos a lembrar que o problema das transferências, ou transporte de qualquer oferta para a Obra, não mais se põe, porque aí — mais ou menos longe, é sempre perto! — tendes as duas Casas do Gaiato angolanas: Malanje e Benguela.

A importância das assinaturas ou qualquer donativo, podem ser depositados no nome da Casa do Gaiato, na Agência mais próxima do Banco de Angola. Ela irá ter à Casa de Benguela se a dita Agência estiver nos distritos de Benguela, Huambo, Bié, Moxico ou nos restantes do sul. E irá dar a Malanje se o depósito fôr efectuado ao norte destes distritos. Portanto, é fácil: Feito o depósito, é só enviar o talão para a Casa beneficiária do distrito em que se está e no próprio talão indicar o fim daquele depósito.

Para quem tiver a devoção de outro modo, há todos os clássicos processos de que se encarregam os C. T. T.

Os endereços das duas Casas são muito simples: Casa do Gaiato — Malanje e Casa do Gaiato — Benguela.

Este novo e pequenino «Tordesilhas», dividindo Angola ao meio em favor das duas Casas do Gaiato da Província pareceu-nos o meio mais fácil.

Veremos o que a experiência dirá.

AREIAS DO CAVACO

Chegou o meio dia. O apito da fábrica deu o sinal de largada. Cada um por seu lado, vai buscar forças para o outro meio dia que falta. Aqui e além, há grupos sentados à roda da fogueira.

a vossa fecundidade. Isto é ainda a vontade de Deus a vosso respeito.

Faltava à verdade se vos não dissesse que hoje conto muito convosco para a manutenção da vida e para a dilatação desta pequena parcela da Igreja que é a nossa Obra.

Mas tal como o amor humano entre os Esposos não tem nenhuma garantia sólida de perseverança, sem a fiança da Igreja, assim também a vossa fecundidade futura depende do crescimento na Fé e no Amor, crescimento que só a Igreja, em que Cristo vive e age, pode realizar e realizará, se fordes fiéis e perseverantes em beber da Sua maternidade inesgotável o leite espiritual do vosso sustento.

O voto que vos dirijo, é, pois, voto para vós e para nós: O crescimento e aperfeiçoamento do todo pelo crescimento e aperfeiçoamento das suas partes.

E, pela mesma razão, o voto do nosso crescimento comunitário é ainda o voto que finalmente nos compete: Que o Reino de Cristo se enraíze e se difunda. Que a face da Igreja nossa Mãe seja cada vez mais bela.

Aproximo-me. Há apenas uma panela ao meio. Colhe-rada um, colherada outro, todos comem dela e chega para todos. Entretanto, vão conversando e rindo animadamente.

Estas cenas repetem-se a cada passo. Revelam um sentido profundo de fraternidade entre os nativos. Havendo para um, há também para os outros.

Deixo-os ficar e vou à minha vida. A imaginação não pára. Aquela cena foi fermento de perguntas que requerem resposta. Porque há fome? Porque há estômagos vazios ao fim de dias seguidos de trabalho? Aquela panela, ao meio, onde todos vão buscar a sua parte dá-me resposta que satisfaz.

Não tenhas a preocupação egoísta de veres só a tua panela cheia. Esvazia-a um pouco para ajudar a encher a dos que nada têm. Começa!...

O problema do pão é problema que aflige os homens. Aflige-se o rico e o pobre. O pai de família e a mãe que, por vezes, não o tem para dar aos filhos. Por ele sai o operário, manhã cedo marmitta na mão e regressa ao fim do dia, banhado em suor. O problema de pão preocupa os homens.

Por tudo isto, o pão é sagrado. É jóia de alto valor. É preço de sangue e de suor. Há que respeitá-lo.

Há dias, veio um pequeno

CANTINHO DE MALANJE

O Chico tem treze anos, lábios carnudos, olhos vivos — um preto esperto, como alguém disse dele.

Hoje, de tarde, vi-o triste e falei-lhe. Nasceram-lhe nos olhos duas lágrimas grandes, que deixaram dois risquinhos brilhantes na face.

— Onde fica a tua terra? — e olhou as montanhas.

— Detrás daquele monte? — e acenou que sim.

Li-lhe no rosto e na alma a sanzala natal, a cubata dos pais, os irmãos mais pequenos, o prato de fuba e as mãos lá dentro.

Tinha dez anos quando veio com uma família. Já não sabe bem onde fica a sua terra, a estrada que lá leva, o carro que se toma.

— Não gosto de cá estar mais — disse — de olhar parado na montanha distante.

Das lágrimas! O meu coração as remoe como pedra de azenha.

Por detrás dos seus olhos alguma coisa ruiu em cascalhada.

O amor...

Ele pensa na mãe a arrancar da terra a mandioca fresca.

Não sabe ao certo o que lhe falta!

O amor...

Sinto, nítidamente, que jamais se encontrará.

A mó do meu moinho não moi as duas lágrimas!

O Snr. Tenente Coronel, Comandante do Batalhão, trouxe-nos um pequenito de oito anos.

Foi encontrado perdido e o batalhão que antecedeu, tomou-o. No entanto sentia, afirmou, que era necessário fazer mais alguma coisa por ele; que não se podia tratar o pequeno como simples objecto de adorno. Claro. Carinho e pão dá-se também aos macacos e aos cães. Só elevamos o homem na medida em que atingirmos a alma.

Chama-se André. No primeiro dia, andou, feliz e livre, pela quinta. Na segunda manhã, o chefe deitou-lhe as divisas abaixo — ele era um mascote graduado — com estas palavras: «Vais tratar das galinhas com o Manelzito». Daqui por diante, o nosso André vai saborear o pãozinho que ele próprio há-de ganhar.

Padre Telmo

querem e podes fazer a fatura dos que nada têm.

«Não há direito de se estragar pão».

Venda de «O Gaiato». Já ouvi queixas de alguns senhores: Que recebiam «O Gaiato» e agora não o recebem porque os vendedores não passam pelas suas lojas. Chamo a contas os ditos e respondem-me que os jornais não chegam.

Ora, têm vindo mil jornais, conforme vou dando conta. Mas não chegam. Querem ver: o entusiasmo de Benguela é tão grande que só esta cidade, com um bocadinho de esforço toma conta dos mil.

E o Lobito? E Catumbela?

Mas há remédio para este mal. Para já, em vez de mil, venham 1.500. E o transportar

Continua na QUARTA página

MONUMENTAL

DE LISBOA

Bilhetes à venda

21 de Abril

As 18,15

Secretaria do Montepio Geral Orlivesaria 13 — R. da Palma, 13 Lar do Gaiato — R. dos Navagantes 34, r/c — Telef. 669451



PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

ELEIÇÕES — Com a retirada do Américo, até aqui chefe maior, para o rol dos casados, houve a necessidade de escolher o novo chefe maior, acto que se realizou no nosso salão de festas ao qual assistiu toda a comunidade.

Depois de esclarecidos os pontos de vista procedeu à votação, começamos por escolher o novo chefe. O Rei «morreu», viva o novo Rei!

Tinham direito a voto, todos aqueles que tinham completado a instrução primária. O total dos eleitores era de 62.

O primeiro escrutínio ficou assim ordenado: primeiro Vasco com 41 votos; segundo Bernardino com 11; terceiro Cerqueira com 6; em quarto Chico dos Teares com 3; e por fim Pipas com 1 voto.

Para que o novo chefe fosse escolhido logo após o primeiro escrutínio, este havia que ter dois terços dos votos + 1.

Como tal não sucedeu, teve de se proceder a nova votação que ficou assim ordenada: primeiro Vasco 42 votos; segundo Bernardino 8; terceiro Cerqueira com 6; e finalmente Chico dos Teares com 4 votos.

Como se pode verificar o Vasco foi eleito novo chefe maior desta nossa Casa de Paço de Sousa, com 42 votos.

Aproveite a ocasião para apresentar aos nossos leitores os novos chefes. Vasco tem 19 anos de idade e é chefe dos sapateiros. Dedicado ao trabalho como é, depositamos nele grandes esperanças para desempenhar o cargo que ora lhe foi confiado.

O sub-chefe Bernardino com qualidades a condizer com as do primeiro, tem 18 anos de idade e trabalha na Tipografia.

Américo, que terminara o seu mandato, profundamente emocionado, falou pondo em relevo a boa camaradagem e compreensão de que fora alvo ao longo dos três anos que tomou sobre si o cargo de chefe maior.

Usando da palavra, o novo chefe «Vasco» pediu para que todos o ajudassem dizendo: «Só com a vossa compreensão e entejada poderei obter o êxito que o Américo obteve».

Foram estas as palavras que o novo chefe maior proferiu perante a comunidade.

Aos novos chefes desejamos as maiores felicidades.

Fausto Teixeira

SETUBAL

Os leitores têm de perdoar muito pois não estou habituado a fazer crónicas, mas tenho de atender ao pedido que me fizeram: dizer alguma coisa. E eu fiquei deparado, mas dei uns passos e deparou-se-me logo na minha frente um espectáculo que na mão de um crónica ainda sobrava para mangas. Mas vou tentar alinhar alguma coisa. Temos muito gado cá em casa e os senhores que nos dão o prazer da sua visita já o têm visto. E indo eu a dar uma voltinha pela vacaria vi 4 vitelhas muito lindas. Duas pulavam à sua maneira e as outras estavam deitadas tendo junto de si, cada uma, um rapazinho. Um deles era o Ramiro que, de pequenino que é, ainda não se lhe caça palavras; eu pelo menos não entendo patavina daquilo que ele diz: mas falava à vitelha e ela até parecia sorrir-lhe. O outro que era já mais crescidinho, estava deitado com ela, ambos para o mesmo lado e com a cabeça na



Vasco, ou «Capitão», (é a mesma pessoa!) — eis o chefe maior de Paço de Sousa

sua barriga: perguntei se ela não fugia e ele respondeu que ao recreio vai sempre para ali e ela nunca foge. Até vem ter com ele! Continuei e aí já eu sabia o que ia encontrar, pois era mesmo o meu destino. Quando para ali me encaminhava, então, saboreei aquilo, que muito gostava também de ver: era o Marreco das vacas (assim se chama cá em casa) que na falta de outra mãe tomou à sua conta a criação de um leitãozinho e este deitava as patinhas da frente às pernas do seu tratador e com o focinho erguido fitava, como quem implora alguma coisa, e assim ia comendo o que o Marreco lhe dava. Eu e outros depois também quisemos tentar dar alguma coisa ao lindo porquinho, mas ele não nos aceitava nada e fugia sempre para junto do seu tratador. Teimeei à força trazê-lo para junto de mim, mas ele sem se enganar ia sempre para junto do seu amigo.

Octávio (Isca)

Benguela

Em Fevereiro, Sr. Padre Telmo veio visitar-nos, assim como virá mês mais não. Consigo veio o «Faniqueira».

Este trabalhou um dia. Quando chegou a hora da merenda lá veio ele agarrar-se a um monte de bananas. Ao fim de comer uma dizia: já consegui comer uma banana não quero mais, até já enjoeci. Pensei que estas eram como as de Malanje.

Passados dias, Sr. Padre ia de volta e nós enchemos-lhe o carro delas. Eu pergunto-lhes: que tal as bananas do Cavaco? Venham por cá mais vezes.

Trabalho — Há dias andou-se à procura de trabalho para a Sapataria porque os rapazes não tinham que fazer. Almerindo foi pelos vizinhos e agora pára. Até já tem um ajudante, este que já se encontra quando nós viemos chama-se Mota Lemos.

Carpintaria — Começaram as obras. Estamos a acabar uma camarata e respectivos quartos de banho. Por essa razão para esta oficina também não falta trabalho.

Horta — Com o «Mineiro» à frente tem andado pelo melhor. Já comemos alguns legumes dela. Mas ainda havemos de comer mais.

Campo — Semeámos uns dois a três hectares de milho, que dentro em poucos dias se colherão. E então a respectiva desfolhada não deve faltar. O bananal cada vez mais bonito. Couves, existem que

chegue para a nossa alimentação e... abacaxis que transplantámos, e rebentam animadamente. A batata doce misturada com o milho, está a dar muito bem.

MODIFICAÇÃO — Há dias soube por intermédio de um estudante nosso, que andavam a mudar a placa, que se encontrava no cruzamento que dá para a nossa aldeia. Agora um nome mais simples e bonito como em todas as casas: — Casa do Gaiato.

Assim é mais fácil os nossos amigos darem connosco.

Saudades para todos. Cumprimentos ao casal que em breve estará junto de nós.

João Evangelista

TOJAL

A NOSSA FESTA NO MONUMENTAL — Já é do conhecimento de todos os nossos leitores, o dia da nossa Festa no Monumental: 21 de Abril — pelas 18,15 h.. Cá no

Cândido Pereira

Visado pela Comissão de Censura



Quando esta pelos olhos chegar à vossa alma estamos a celebrar as festas pascais. Relembramos o maior drama da história: o Filho de Deus feito Homem que se entrega à morte pelos irmãos humanos. Só quem possui o dom da fé é capaz de se encher desta entrega. Entrega ou doação que é caminho de felicidade. Sòmente quem por ele enveredar sente a verdadeira felicidade. O cristão consciente está de posse dela.

Todos lembramos as festas pascais. Uns vivem-nas; outros paganizam-nas. Vivem-nas aqueles que se apoderam dos sentimentos de Cristo. Paganizam-nas quantos se fecham no seu próprio mundo. Mundo mesquinho que atrofia e mata.

TEATRO AVENIDA Coimbra

28 DE ABRIL às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

Tojal começamos já com os ensaios e esperamos apresentar uma linda festa aos nossos queridos amigos alfacinhas. Os representantes das nossas Casas do Gaiato querem cada um fazer o melhor, garantia de uma Festa que a todos, se Deus quiser, agradecerá. Por isso, quem ainda não tiver o seu bilhete, que se não distraia, senão depois... e não venham dizer que não avisámos. Entretanto queremos lembrar às senhoras que costumam ficar com bilhetes para as suas amigas que, no caso de não precisarem de todos os bilhetes, no-lo devolvam uns 5 dias antes, em virtude de no próprio dia ser muito difícil passá-los. Apelamos para a boa compreensão das pessoas a quem me dirijo. Nós sabemos que os bilhetes não ficam por pagar, mas o nosso desejo é que todos estejam lá, precisamente por ser a única oportunidade de conversarmos familiarmente. E vamos lá. Não se atrase na compra dos seus bilhetes. O quê, não sabe onde comprar o seu bilhete? Faça o favor de olhar no fundo da 3.ª página e logo verá.

BELEM

A QUARESMA — Estamos na Quaresma. É o tempo em que os cristãos se devem preparar para a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o tempo em que nós devemos meditar melhor nos grandes sofrimentos de Jesus Cristo, nosso Salvador.

É durante a Quaresma que nós devemos fazer por nos tornarmos melhores, emendando-nos dos nossos defeitos. Se andamos de mal com Deus ou com alguém, devemos fazer as pazes. Para que na Páscoa possamos gozar as alegrias da Ressurreição. Por isso é que a Páscoa é a festa maior do ano.

É também neste período de tempo que se faz a festa de S. José. Andamos-lhe a fazer uma novena, a pedir-lhe que não se esqueça de nós e faça o milagre de nos pagar o que devemos. Mas os Senhores é que têm que ouvir, quando ele lhes bater à porta. Nós prometemos rezar por todos no dia 19.

Edite

TEATRO CIRCO de Braga

18 DE ABRIL às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras do Teatro Circo

Areias do Cavaco

Continuação da TERCEIRA página?... Com que impaciência aguardamos a decisão última dos T. A. P!... É um serviço a Bem da Nação.

Eis o que nos destes: Da EPAL vieram as 5 malas do costume, de peixe seco. Temos também, de ora em diante, peixe fresco, para toda a semana, graças à boa vontade de três empresas congeladoras de peixe que tomaram 6 refeições à sua conta. 5 cestos de hortaliça, mais três e outros 3, de Cutato, de um Senhor que não conhecemos. Roupas e calçado deixadas na Igreja de N.ª S.ª de Fátima. 50\$00 de pessoa amiga do Lobito. Mais 80 que um sacerdote amigo, também do Lobito, nos fez chegar às mãos. 100\$00 mais 50\$00 de assinaturas pagas.

Já temos telefone com o n.º 206. Mandem-nos vossos recados.

Padre Horácio

Padre Manuel António

